

Reflexão sobre modernidade e pós-modernidade em Douglas Kellner

Otávio Daros¹

ORCID: 0000-0003-0738-8207

Resumo: Teórico crítico da mídia, Douglas Kellner empreende um notável trabalho de contextualização do pós-moderno, em relação ao moderno. Segundo o estudioso norte-americano, a produção intelectual dos pós-modernos está ligada diretamente com o momento particular vivenciado por eles, durante as décadas de 1960 e 1970. Jean Baudrillard, o filósofo mais provocativo e extremista da época, seria prova. Este artigo pretende reconstruir a leitura feita por Kellner sobre a situação, identificando e discutindo seu diagnóstico sobre o pós-moderno.

Palavras-chave: Douglas Kellner. modernidade. pós-modernidade. Jean Baudrillard. Fredric Jameson. Jean-François Lyotard.

¹ Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Fellow do Laboratório de História da Comunicação e Mudança da Mídia, na Universidade de Bremen.

Abstract: Critical media theorist, Douglas Kellner has undertaken a remarkable work of contextualizing the postmodern, in relation to the modern. According to the North American scholar, the intellectual production of postmodernists is directly linked to the particular moment they experienced during the 1960s and 1970s. Jean Baudrillard, the most provocative and extremist philosopher of that time, would be proof. This article intends to reconstruct the reading made by Kellner about the situation, identifying and discussing his diagnosis about the postmodern.

7

Keywords: Douglas Kellner. modernity. postmodernity. Jean Baudrillard. Fredric Jameson. Jean-François Lyotard.

Resumen: Teórico crítico de los medios, Douglas Kellner emprende un notable trabajo de contextualizar lo posmoderno en relación con lo moderno. Según el académico norteamericano, la producción intelectual de los posmodernistas está directamente ligada al momento particular que vivieron durante las décadas de 1960 y 1970. Jean Baudrillard, el filósofo más provocador y extremista de esa época, sería una prueba. Este artículo pretende reconstruir la lectura realizada por Kellner sobre la situación, identificando y discutiendo su diagnóstico sobre lo posmoderno.

8

Palabras clave: Douglas Kellner. Modernidad. Posmodernidad. Jean Baudrillard. Fredric Jameson. Jean-François Lyotard.

Notas introdutórias da polêmica sobre o pós-moderno

Autores como Steven Connor afirmam que os debates acadêmicos sobre o pós-moderno costumam seguir dois caminhos distintos, que variam conforme interpretação do prefixo do termo. Na visão de alguns intelectuais, “pós” significa determinada exaustão ou decadência cultural de um período. Por exemplo, “quem vive numa pós-cultura chegou atrasado à festa e só viu as garrafas e pontas de cigarro sendo jogadas fora”. Trata-se, para outros, de um período que apresenta novas potencialidades. “Pós” representa, neste sentido, o fruto caído no chão, em estágio de decomposição, pronto para lançar suas sementes à terra e dar continuidade à vida. O termo, aqui, não significa mais “fadiga de quem chega atrasado, mas a liberdade e a autoafirmação dos que despertam do passado” (CONNOR, 1996/2004, p. 57).

Explica que a temática pós-moderna nasceu na arquitetura e, posteriormente, ganhou força nos campos da filosofia e das ciências sociais, em meados dos anos 1970. Desde então, as afirmações sobre a existência do fenômeno ganharam força no interior de diferentes disciplinas. Primeiramente, “cada disciplina produziu provas cada vez mais conclusivas da existência do pós-modernismo em sua própria área de prática cultural; em segundo, e realmente mais importante, cada disciplina aproveitou progressivamente as descobertas e definições de outras disciplinas” (CONNOR, 1996/2004, p. 13-14).

Connor menciona Jean-François Lyotard, Frederic Jameson e Jean Baudrillard como os nomes de maior expressão do pensamento pós-moderno, pois teriam eles conseguido avançar no estudo de dimensões sociais, econômicas e políticas. Primeiramente, Lyotard merece crédito por ter iniciado a discussão, com a publicação da obra *La condition postmoderne* (1979, *A condição pós-moderna*):

A discussão de Lyotard no livro gira em torno da função da narrativa no discurso e no conhecimento científico. O seu interesse não é tanto o conhecimento e os procedimentos científicos como tais, mas as formas pelas quais estes obtêm ou reivindicam legitimidade. Em primeiro lugar, alega Lyotard, a ciência moderna se caracteriza pela rejeição ou supressão de formas de legitimação que se fundamentam na narrativa. Ele define o conhecimento narrativo a partir de relatos antropológicos sobre sociedades primitivas em que a função da narrativa está personificada em claros conjuntos de regras sobre quem tem o direito e a responsabilidade de falar e de ouvir em dado grupo social (CONNOR, 1996/2004, p. 30).

Lyotard analisa a transformação radical no modo como o saber é produzido e legitimado ao longo da história. O filósofo entende que a linguagem científica se colocou como opositora da linguagem da narrativa, com o passar da modernidade. Esta foi associada à ignorância, em razão daquela. Diferentemente da narrativa, a linguagem científica necessita recorrer à argumentação e à prova, como explica o interlocutor:

Por conseguinte, a ciência já não é considerada valiosa e necessária por causa do papel que desempenha no lento progresso em direção à liberdade absoluta e ao conhecimento absoluto. Com essa perda de confiança nas metanarrativas (e, talvez, como uma contribuição para essa perda de confiança), vem o declínio do poder regulatório geral dos próprios paradigmas da ciência, na medida em que esta descobre os limites dos seus pressupostos e procedimentos de verificação, encontrando paradoxos e deparando com questões (na matemática, por exemplo) indecidíveis, não questões que não tenham resposta, mas questões que se podem demonstrar, em princípio, irrespondíveis (CONNOR, 1996/2004, p. 32).

Ainda para Connor, “Lyotard une o domínio cultural/estético do pós-modernismo ao domínio socioeconômico da pós-modernidade ao estetizar este último, lendo o social como uma espécie do cultural” (1996/2004, p. 42). Essa mesma conjunção se expressaria em Baudrillard e, de modo semelhante, em Jameson, embora exista uma série de diferenças significantes entre os dois continuadores do debate.

Já em *Le Miroir de la production* (1973, *O espelho da produção*), Baudrillard lançou-se na “tentativa de modificar Marx para dar conta da emergência da cultura de massas e das tecnologias de reprodução em massa” (CONNOR, 1996/2004, p. 37), uma vez que ele sustentou que o marxismo ortodoxo limitou o modo de produção e subordinou a cultura e o processo de significação à atividade econômica. Conforme o estudioso, o filósofo francês julga impossível “separar o domínio econômico ou produtivo dos domínios da ideologia e da cultura, porque os artefatos culturais, as imagens, as representações e até mesmo os sentimentos e estruturas psíquicas tornaram-se parte do mundo econômico” (CONNOR, 2004, p. 48).

Jameson, por sua vez, em *Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism* (1991, *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*), enfatiza a caracterização do pós-moderno em termos socioeconômicos. Diferencia, nesse sentido, a pós-modernidade do pós-modernismo. Enquanto este refere-se a um

estilo cultural, que nasceu na arquitetura e, então, tornou-se visível em todas as outras artes — até ser substituído por outros estilos; a pós-modernidade, não é um estilo: é uma estrutura. A pós-modernidade está relacionada a um momento específico do capitalismo tardio, que diz respeito ao processo de globalização.

Significa que, em sua análise, Jameson situa a cultura pós-moderna no contexto de uma teoria dos estágios da sociedade capitalista e argumenta que o pós-modernismo é parte de um novo estágio desta dinâmica:

Na verdade, ele afirma que o pós-modernismo é uma nova “lógica cultural do capitalismo”, que sua cultura fragmentada de imagem e estetização é parte de uma mudança que diz respeito a um novo capitalismo globalizado, e que o pós-modernismo não é apenas outro estilo estético além do modernismo, mas é um novo dominante cultural (KELLNER, 1994, p. 3).

Embora simpatize com a teorização de Jameson, Douglas Kellner é um que traz outras compreensões de pós-moderno. Na visão do estudioso, o conceito de pós-moderno diz respeito às rupturas no campo da História (modernidade/pós-modernidade), das Artes (modernismo/pós-modernismo) e do pensamento (teoria moderna/pós-moderna). Nas páginas a seguir, temos como objetivo reconstruir a leitura feita por Kellner sobre a situação, identificando e discutindo seu diagnóstico.

 II

Fundamentos da análise crítica de Kellner

Ao lado de Steven Best, Kellner demonstra maior interesse pelo estudo do pós-moderno enquanto matéria da História. Na visão deles, a pós-modernidade apresenta sobretudo um significado de periodização, referindo-se a uma época na qual “um estado anterior de coisas é substituído” (BEST; KELLNER, 1997, p. 3), ou está em processo de substituição por outro; nesse caso, a pós-modernidade como substituta da modernidade.

A modernidade entrou na vida cotidiana por meio da difusão da arte moderna, dos produtos da sociedade de consumo, das novas tecnologias e dos novos modos de transporte e comunicação. A dinâmica pela qual a modernidade produziu um novo mundo industrial e colonial pode ser descrita como “modernização” — um termo que designa os processos de individualização, secularização, industrialização, diferenciação cultural, mercantilização, urbanização, burocratização e racionalização, que juntos constituíram o mundo moderno (BEST; KELLNER, 1991, p. 2-3).

O autor também mostra como a modernidade se relaciona com o desenvolvimento do capitalismo, à medida que um mercado global foi criado. Por isso, enxerga Marx como o primeiro grande pensador social a refletir a ruptura entre as sociedades modernas e pré-modernas. Nessa direção, Marx foi capaz de gerar novas perspectivas teóricas para pensar e questionar, de maneira profunda, a modernidade capitalista:

O exemplo de que mais gostamos refere-se a um professor de sociologia que, ao lhe pedirem que descrevesse com mais clareza o que queria dizer com o termo “pós-moderno”, disse que a melhor descrição de “nossa sociedade pós-moderna” se encontra no trecho do *Manifesto Comunista* em que Marx e Engels descrevem um Estado “onde tudo o que é sólido se dissolve no ar” (KELLNER, 1995/2001, p. 66).

Pode ser visualizado na obra marxista aspectos antecipadores do funcionamento da sociedade contemporânea, caracterizada pelo consumo e pela lógica da mercantilização. O domínio do mercado “pode ser interpretado em termos de inversão e abstração”, a exemplo da “inversão das relações sujeito-objeto e da dominação do sujeito pelo objeto” (BEST; KELLNER, 1997, p. 51).

Além do marxismo, o existencialismo e a fenomenologia dominaram o cenário intelectual no período pós-guerra, especialmente na França. Depois, no entanto, essas linhas de pensamento perderam força, sendo renovadas ou substituídas pelos discursos fundamentados no “estruturalismo e na psicanálise lacaniana, que avançaram em novos conceitos de linguagem, teoria, subjetividade e sociedade” (BEST; KELLNER, 1991, p. 18).

Na década de 1960, “intelectuais radicais e ativistas que se tornaram os primeiros grandes teóricos pós-modernos experimentaram o que acreditavam ser uma ruptura decisiva com a sociedade e a cultura modernas”. Basicamente, defenderam que mudanças significativas estavam ocorrendo em razão do surgimento de novos movimentos sociais, políticos e culturais que se opunham aos conflitos armados, “ao imperialismo, ao racismo, ao sexismo e às sociedades capitalistas em sua totalidade, exigindo revolução e uma ordem social inteiramente nova” (BEST; KELLNER, 1997, p. 4).

Ao mesmo tempo, surgiu uma contracultura oposicionista que exigia uma sociedade que renunciasse ao *ethos* materialista e às normas orientadas pelo triunfo do capitalismo. Os movimentos revolucionários do Terceiro Mundo geraram esperanças de que

as alternativas emancipatórias fossem fundamentadas na própria dinâmica da história, levando a sociedades mais igualitárias, justas e democráticas. Muitos acreditavam que uma ruptura decisiva com o passado tinha ocorrido, que uma revolução moral, política e perceptiva estava em andamento, e que uma nova era da história estava nascendo (BEST; KELLNER, 1997, p. 4-5).

Os discursos pós-modernos, por isso, estão relacionados com essas experiências emancipatórias e revolucionárias das quais nasceram. De acordo com Best e Kellner, intelectuais como Foucault, Lyotard, Baudrillard, Deleuze, Guattari, Jameson, Laclau, Mouffe e Harvey não só participaram, mas também foram profundamente influenciados pelos movimentos nos anos de 1960.

Porém, muitos desses discursos, principalmente aqueles vindos de Baudrillard, perderam qualquer tom otimista nos anos seguintes. Tal pessimismo tem raízes em uma experiência de derrota, tendo em vista que “a maioria dos teóricos franceses que foram os primeiros a produzir análises teóricas e políticas do pós-moderno, na década de 1970, ficaram profundamente decepcionados com a traição dos acontecimentos de 1968, na França” (BEST; KELLNER, 1997, p. 5).

O argumento é de que a ruptura sonhada e até vivida, na década de 1960, “descrita no discurso da emancipação e da revolução, é projetada pelo discurso pós-moderno sobre a própria história, mas, dessa vez, para anunciar o fim de altas visões do progresso histórico e da transformação social” (BEST; KELLNER, 1997, p. 8).

As dúvidas pós-modernas sobre a eficácia da política moderna são em parte efeitos da experiência da dissolução dos movimentos políticos e da política revolucionária da época. As teorias do sujeito fragmentado e descentrado também podem descrever as subjetividades daqueles envolvidos nas lutas por uma nova sociedade, que se viu repentinamente marginalizada e deprimida, uma vez que suas esperanças não foram percebidas. [...] No entanto, existem versões mais positivas da teoria pós-moderna, que aprofundam e expandem algumas das tendências e ganhos progressistas dos anos 1960 para a teoria e a política (BEST; KELLNER, 1997, p. 9).

Embora possa ser traçado um perfil do pós-moderno como oposição ao moderno, eles defendem que inexistente uma teoria pós-moderna unificada. Em linhas gerais, podemos dizer que os teóricos pós-modernos abandonaram o sujeito racional e unificado, favorecendo um “sujeito socialmente e linguisticamente descentrado e fragmentado” (BEST; KELLNER, 1997, p. 5). Ao mesmo tempo, ressaltaram as características que são da ordem da diferença e emoção. Enquanto,

por exemplo, a identidade moderna era caracterizada pelo exercício de funções específicas na esfera pública e na esfera privada, a identidade pós-moderna valoriza outros aspectos da vida — como o lazer e a diversão, isto é, aquelas atividades geralmente realizadas longe do trabalho e da família.

Para os autores, entretanto, isso é insuficiente para formar “um conjunto coerente de posições”, e pode ser melhor traduzido como: “diversidade entre teorias muitas vezes agrupadas como ‘pós-modernas’, e pluralidade — muitas vezes conflitua — das posições pós-modernas” (BEST; KELLNER, 1997, p. 2). No caso, eles trabalham para acentuar essa pluralidade teórica. Diferenciam, por exemplo, os pensadores pós-modernos entre aqueles com discursos extremos e aqueles com discursos moderados de ruptura. Os primeiros “acreditavam que uma ruptura decisiva com o passado havia ocorrido, que uma revolução moral, política e perceptiva estava em andamento, e que uma nova era da história estava nascendo” (BEST; KELLNER, 1997, p. 5).

Por outro lado, aqueles identificados como moderados “usam um modo mais qualificado e modesto de discurso pós-moderno, [e] não defendem uma ruptura fundamental com a modernidade ou com a teoria moderna” (BEST; KELLNER, 1997, p. 25). Conforme os autores norte-americanos, os pertencentes a esse grupo — como Foucault e Laclau — compreendem o pós-moderno apenas como variação do moderno, um período dentro do próprio moderno, e não como uma ruptura total.

Liotard também é visto como moderado, mas com restrição. Diferentemente de Connor, Best e Kellner consideram Lyotard um dos poucos pós-modernos que não forneceu perspectivas críticas sobre a modernidade enquanto fenômeno socioeconômico. Nessa leitura, sua obra deixa de teorizar a modernidade como um processo histórico, e acaba se limitando à crítica do conhecimento moderno:

A modernidade para Lyotard é a razão moderna, o Iluminismo, o pensamento totalizante e as filosofias da história. Ele não desenvolve análises da modernidade e da pós-modernidade, essas noções são sub-teorizadas em seu trabalho e deslocam a teoria pós-moderna da análise e da crítica sociais para a filosofia. Lyotard passa, assim, por um giro linguístico e filosófico que torna sua teoria cada vez mais abstrata e distanciada das realidades e problemas sociais da época atual (BEST; KELLNER, 1991, p. 165).

Com exceções, Kellner e Best demonstram preferência pelos teóricos moderados, uma vez que esses “normalmente não realizam ataques extremos à teoria moderna ou fazem reivindicações extravagantes por grandes rupturas históricas, mas simplesmente usam certas versões da teoria pós-moderna para tarefas específicas” (1997, p. 25).

Outras formas menos extremas de apropriação de posições pós-modernas incluem o trabalho de teóricos como Bernstein, Fraser, Harding, Nicholson, Seidman, Smart e West, que usam categorias e ideias pós-modernas para repensar a teoria moderna sem abandonar suas características principais, tais como a preocupação com a verdade, objetividade, ética e crítica normativa. Esses teóricos combinam perspectivas modernas e pós-modernas, baseando-se em ambas as tradições, fornecendo recursos para fazer teoria e crítica na era atual — uma posição com a qual nos identificamos (BEST; KELLNER, 1997, p. 25).

Já Baudrillard representa, para Kellner, o nome de maior expressão entre aqueles com discursos extremos de ruptura. Tomado por essa motivação, Kellner ocupa-se em aprofundar o trabalho de crítica à obra de Baudrillard, como veremos a seguir.

O confronto de Kellner com Jean Baudrillard

Para Kellner, Baudrillard é a figura intelectual mais provocante da cultura da mídia entre as décadas de 1970 e 1980. Como teórico pós-moderno, ele destruiu as fronteiras que restavam entre filosofia, teoria social e literatura.

Seus estudos de simulação, implosão, hiper-realidade e tecnologias utilizados pela mídia demarcaram os novos caminhos da teoria social contemporânea, desafiaram as ortodoxias reinantes. Sua afirmação de radical ruptura com as sociedades modernas valeu-lhe o epíteto de profeta da pós-modernidade nos círculos teóricos de vanguarda em todo o mundo. Baudrillard proclamava o desaparecimento do sujeito, da economia política, do significado, da verdade e do social nas formações sociais contemporâneas. Esse processo de drástica mudança e mutação exigia teorias e conceitos inteiramente novos para descrever os processos sociais em rápido desenvolvimento e as novidades no momento atual (KELLNER, 1995/2001, p. 377).

A pós-modernidade é para o teórico francês um jogo com “todas as formas de sexualidade, arte e política, combinando e recombinando formas e possibilidades, movendo-se para o ‘tempo do travestismo’” (BEST; KELLNER,

1991, p. 137). Trata-se de uma época na qual “os indivíduos abandonam o ‘deserto do real’ pelo êxtase da hiperrealidade e pelo novo reino do computador, da mídia e da tecnologia” (KELLNER, 1995/2001, p. 378).

Nessa leitura baudrillardiana, as sociedades foram organizadas ao longo da modernidade em torno da produção e do consumo de bens culturais. A pós-modernidade, entretanto, marcou o início de uma sociedade que é organizada em torno de simulacros e da simulação:

Simulação para Baudrillard, portanto, descreve um processo de substituição de eventos “reais” por “virtuais” ou simulados, como quando imagens, signos ou espetáculos eletrônicos ou digitalizados substituem a “vida real” e objetos no mundo real. Modelos de simulação geram simulacros, representações do real, tão onipresentes que, a partir de então, é impossível distinguir o real do simulacro. O mundo do simulacro para Baudrillard é precisamente um mundo pós-moderno de signos sem profundidade, origens ou referências. [...] Simulacro são meros signos e imagens do real que constituem um novo campo de experiência, o hiper-real. O “hiper-real” de Baudrillard é o resultado final de um processo de simulação histórica em que o mundo natural e todos os seus referentes são gradualmente substituídos por signos tecnológicos e autorreferenciais (BEST; KELLNER, 1997, p. 98-101).

16

A pós-modernidade apresentou, assim, uma nova ordem social. Nela, os sujeitos começam a construir suas identidades e se relacionar por meio da apropriação de imagens múltiplas. Mas quem ocupa o papel central não é mais o sujeito e, sim, o objeto. Vendo isso, Baudrillard fornece uma “crítica progressista da dominação dos sujeitos por suas próprias criações fetichistas e alienadas”, na medida em que “dá aos objetos poderes autônomos” (BEST; KELLNER, 1991, p. 132). Nesse ponto, Baudrillard é muito mais provocativo e consegue ir além dos demais teóricos pós-modernos:

Baudrillard fornece uma análise multidimensional deste novo mundo e tenta esclarecer as maneiras pelas quais objetos e indivíduos são “liberados” dos sistemas e usos tradicionais, mas limitados pelos imperativos técnicos do novo ambiente (KELLNER, 1989, p. 10-11).

Kellner defende que o primeiro mérito intelectual de Baudrillard é provocar o campo de estudo do pós-moderno, que se encontrava em plena formação em 1970. Inicialmente, Baudrillard caracteriza a modernidade pelo capitalismo industrial, ao passo que a pós-modernidade se relaciona com o desenvolvimento tecnológico.

Enquanto a modernidade se distinguiu pela expansão, diferenciação, energia e movimento, bem como por projetos teóricos e artísticos que buscavam representar e interpretar o real, a pós-modernidade é distinguida por implosão, indiferença, reprodução de modelos de hiper-realidade e inércia. Esta nova ordem social distingue-se pelo desaparecimento de todos os grandes signos da modernidade [...] e a aparência de um novo tipo de ordem social e modos de experiência (KELLNER, 1989, p. 117).

O acadêmico norte-americano analisa como Baudrillard começa por se fundamentar no pensamento marxista, visto que incorporou ao seu exame a crítica às “formas de alienação, reificação, dominação e exploração produzidas pelo capitalismo” (KELLNER, 1989, p. 18). Em seus primeiros estudos, Baudrillard apresenta apenas críticas isoladas ao marxismo ortodoxo. Defendeu que as ideias de mercadoria e fetichismo fossem, inclusive, aprimoradas ao exame da sociedade pós-moderna. Em seguida, relacionou a sua análise do valor do signo à teoria marxista, mostrando que as “mercadorias são valorizadas pelo modo como conferem prestígio e significam status social e poder” (BEST; KELLNER, 1991, p. 114).

Se Marx elaborou um estudo que dá conta da mercadoria nos termos de valor de uso e troca, Baudrillard adiciona a característica do valor do signo. Desta forma, Kellner vê conexão entre Baudrillard e os teóricos da Escola de Frankfurt, especialmente Marcuse, “que já havia desenvolvido algumas das primeiras críticas marxistas à sociedade de consumo”. Entretanto, Baudrillard foi além, “utilizando a teoria semiológica do signo para descrever o mundo das commodities, da mídia e da sociedade de consumo; desse modo, em certo sentido, ele leva a teoria de ‘sociedade unidimensional’, vinda da Escola de Frankfurt, para um nível superior” (KELLNER, 1989, p. 18-19).

Kellner indica outro ponto que Baudrillard mostra superioridade: enquanto os frankfurtianos atribuem características de passividade à relação de consumo, Baudrillard consegue enxergar uma relação mais ativa. Trata-se de uma relação que envolve a manipulação dos signos, bem como maneiras, encontradas pelo consumidor, para se inserir na sociedade e se diferenciar dos demais.

Baudrillard também sugere que a mídia intensifica a massificação produzindo audiências de massa e homogeneizando ideias e experiências. Por outro lado, ele afirma que as massas absorvem todo o conteúdo midiático, neutralizam ou até mesmo resistem, significam, demandam e obtêm mais espetáculo e entretenimento,

corroendo ainda mais a fronteira entre a mídia e o “real” (BEST; KELLNER, 1991, p. 69).

Não só Baudrillard, mas a teoria pós-moderna no geral, contrasta com as análises neomarxistas da Escola de Frankfurt, ao destacar formas mais dispersas, plurais e descentradas de poder. Contudo, Kellner defende que a teoria crítica e a teoria pós-moderna sejam “confrontadas e articuladas em suas disparidades, de maneira que suas próprias tensões e diferenças provoquem novos pensamentos e novas práticas teóricas e políticas” (BEST; KELLNER, 1991, p. 298).

Embora reconheça o mérito de Baudrillard em promover uma revolta intelectual contra a sociedade de consumo, o norte-americano argumenta que as perspectivas fornecidas pelo francês ainda são “unilaterais e incompletas” (KELLNER, 1989, p. 37), para formar uma reflexão crítica e aprofundada sobre o tema. Ao avançar dos anos, Baudrillard travou uma verdadeira batalha de ideias contra figuras clássicas — de Marx a Freud — assim como fez com Foucault e com praticamente todas as outras correntes que surgiram naquela época, a exemplo das feministas francesas. Kellner elogia a atitude de Baudrillard, mas julga perda do ponto de vista teórico.

A partir da década de 1970, Baudrillard distanciou-se da tradição marxista à medida que seu pensamento se tornou mais radical e anárquico. A partir dali, não acredita mais que o marxismo possa fornecer qualquer tipo de crítica capaz de romper com o sistema vigente, nem que esse possa apresentar visões realistas de uma sociedade mais progressista no futuro.

O fracasso dos movimentos sociais na França, em 1968, foi determinante para esta conclusão de Baudrillard. Uma vez que ele acreditava que os movimentos comunistas estavam enraizados em parte do conservadorismo marxista, e esse, não sendo superado, contribuiu para a derrota, em vez de impulsioná-los ao êxito.

Baudrillard defende a superação do marxismo, ao visualizar nas trocas simbólicas maior potencial organizador da sociedade pós-moderna. Já Kellner posiciona-se, aqui, em defesa da tradição marxista e contra Baudrillard, pois acredita que o modo de produção descrito por Marx segue como fator determinante de “grande parte da nossa vida cultural e social” (KELLNER, 1989, p. 51). Baudrillard teria falhado ao desconsiderar esse fator, ignorando tanto a esfera econômica quanto a esfera social, pois pensa que “nada de importante acontece” (KELLNER, 1989, 207) na primeira, e que a segunda desapareceu.

A partir dos anos 1980 suas ideias apresentam outra mudança. Baudrillard “alega explicitamente que a era da sociedade de consumo acabou”. Na crítica kelleriana, essa rejeição salienta a incoerência no pensamento do filósofo, uma vez que sua “crítica da economia política dos signos é extremamente importante, assim como sua noção da importância do valor do signo como constitutivo da mercadoria, que assume uma importância fundamental na sociedade de consumo” (KELLNER, 1989, p. 213).

Kellner observa que os escritos de Baudrillard adquirem posicionamentos cada vez mais negativos, até se tornarem uma grande narrativa do triunfo tecnológico, traduzindo todo o seu niilismo:

[Baudrillard] vê a tecnologia triunfante num mundo pós-humano e demonstra alguma saudade da humanidade apagada no universo tecnológico. Não procura transcendência e parece contentar-se em documentar as fraquezas e os desatinos da era contemporânea. Não existe nada de novo sob o sol para o francês saturado que já viu tudo e para quem tudo já foi dito, mostrado e feito, para quem tudo o que se pode fazer é jogar com pedaços (KELLNER, 1995/2001, p. 404).

O estudioso julga que nas “obras posteriores à década de 1980, Baudrillard apresenta o espetáculo de um intelectual europeu alienado a fazer um levantamento do colapso da modernidade numa crônica fria e irônica” (KELLNER, 1995/2001, p. 404). Seu brilhantismo, muitas vezes, sucumbe em formas redutoras, reacionárias e obsoletas. Ensaio polêmico, *Amérique* (1986, *América*) prova que “Baudrillard cai nas malhas de um modo de pensar baseado em estereótipos culturais que beira o racismo”. Nele, o francês descreve os Estados Unidos na condição de turista, e “reduz tudo a signos e deixa de ver a base material e os efeitos desses signos, a estrutura social na qual eles estão incrustados, ou a história que produz signos e estruturas” (KELLNER, 1995/2001, p. 407).

Kellner sugere que os textos de Baudrillard, a partir dos anos 1980, sejam compreendidos como ficção científica, visto que se distanciam da teoria social: “como um bom escritor de ficção científica, Baudrillard muitas vezes ilumina aspectos da realidade frequentemente ignorados, utilizando o ponto de vista de uma futura intensificação das tendências sociais atuais” (KELLNER, 1989, p. 203). Mas para o crítico, seu pensamento futurista passa a ignorar aspectos relevantes da contemporaneidade, como as produções culturais e midiáticas. As

suas referências sobre a cultura da mídia se tornam “extremamente incompletas e fragmentárias” (KELLNER, 1995/2001, p. 299), assim como ocorre no exame de outros teóricos pós-modernos.

Baudrillard é visto, portanto, como um teórico que se perdeu ao longo dos anos. Apesar disso, deixou colaborações significativas para a teoria social contemporânea, e permaneceu como um grande provocador até o fim da vida:

Baudrillard, portanto, ultrapassa em última instância a filosofia e a teoria convencionais em sua própria esfera teórica e em seu modo de escrita que fornece, ocasionalmente, ideias penetrantes sobre os fenômenos sociais contemporâneos e críticas provocadoras do pensamento contemporâneo e clássico. Ele agora aparece em retrospecto como um pensador completamente idiossincrático, que seguiu seu próprio caminho e desenvolveu seu próprio modo de escrever e pensar (KELLNER, 2007, p. 16-17).

Julga, desse modo, a obra de Baudrillard como uma enorme provocação que expõe os conflitos e as incertezas de uma época marcada por transições, e que estimula questionamentos a respeito dos modelos teóricos consolidados. Ao mesmo tempo, pelo menos para Kellner, não existe certeza de que agora transcendemos e deixamos para trás a modernidade capitalista e seus problemas que Baudrillard passou a rejeitar.

O viés crítico do pensamento de Kellner

Distanciando-se de Baudrillard, Kellner demonstra maior afinidade com Fredric Jameson no tocante à teorização da pós-modernidade, visto que, para este último, a pós-modernidade não é um “novo estilo estético, mas sim uma nova etapa de desenvolvimento cultural via lógica do capitalismo tardio” (BEST; KELLNER, 1991, p. 184). Essa compreensão socioeconômica do fenômeno é reforçada em textos seguintes:

Contrariando o que dizem Baudrillard e outros — que a pós-modernidade constitui uma ruptura com o capital e com a economia política —, o que detectamos por trás dos fenômenos de cultura pós-moderna é a lógica capital. Esse argumento leva a crer que grande parte da teoria pós-moderna é excessivamente abstrata quando desvincula a economia política e o capitalismo dos fenômenos que descreve (KELLNER, 1995/2001, p. 330).

Na visão dele, as primeiras discussões que tentaram dar conta do pós-moderno falharam, pois “estão viciadas na incapacidade de distinguir claramente entre modernidade e pós-modernidade e especificar a ruptura na sociedade e na história”. Uma correção “exigiria uma análise teórica e empírica detalhada, e um relato histórico ou uma narrativa de como a modernidade se metamorfoseou na condição pós-moderna” (BEST; KELLNER, 1991, p. 280)

Julga que “nenhum teórico pós-moderno fornece uma análise adequada da economia, dos desenvolvimentos contemporâneos dentro do capitalismo, e muitos evitam completamente a economia política”. Cita os exemplos de Foucault e Baudrillard. O primeiro estaria entre os teóricos que “negligenciam o papel fundamental da mídia”, enquanto o segundo negaria uma “análise separada da mídia a partir da economia política” (BEST; KELLNER, 1991, p. 260-261).

Mas Kellner não só critica. Em tentativa de colaborar com a área de estudo, propõe algumas reflexões para orientar o trabalho de pesquisa: 1º tratar o discurso pós-moderno como um construto cultural e teórico; 2º perceber que esses discursos entram em competição e em conflito; 3º não teorizar em torno de uma condição pós-moderna simplesmente a partir de visões superficiais e desconectadas com a realidade socioeconômica; 4º perguntar quando o termo pós-moderno não é um sinônimo de sociedade contemporânea.

As afirmações extremistas de ruptura pós-moderna violentam nosso senso de permanente continuidade com o passado e ignoram o fato de que muitas ideias e fenômenos que se afirma serem “pós-modernos” têm origem ou análogos precisamente na era moderna. Por conseguinte, nossa opinião é a de que estamos vivendo entre uma era moderna em envelhecimento e uma nova era pós-moderna que ainda precisa ser adequadamente conceituada, diagramada, mapeada. Os períodos históricos não aparecem e desaparecem de forma nítida ou em momentos cronológicos precisos (KELLNER, 1995/2001, p. 73).

Defende, contudo, que os discursos pós-modernos não sejam ignorados, pois eles seguirão conosco por muito tempo, portanto, devemos repensá-los criticamente. Embora, muitas vezes, tragam um “significante vazio” e indiquem que “uma teoria mais concreta está sendo evitada”, esses discursos também expõem novos fenômenos, os quais merecem ser objetos de estudo, pois se referem a algo que está “nos incomodando e requer mais reflexão e análise” (BEST; KELLNER, 1997, p. 23)

Também reconhece que os pós-modernos atacam as hierarquias e as estruturas de dominação, e fornecem, assim, a base para uma visão mais igualitária e democrática da vida social. Ao mesmo tempo, argumenta que não devemos desconsiderar as contribuições anteriores. Na situação atual, na qual “estamos forçados a viver entre parênteses, entre o velho e o novo”, entre um estágio e outro, se faz “necessário enfatizar o discurso do pós-moderno, suas diferenças com o moderno, e as formas em que se cruzam, assim como se conflitam no presente (BEST; KELLNER, 1997, p. 32).

Considerações finais

Pode ser dito que Kellner mantém-se atento, ao longo de sua obra, para as potencialidades, mas também para as limitações tanto das teorias modernas, quanto das pós-modernas. E manifesta a crença que devemos combinar de forma crítica, em um modelo teórico criativo, noções de ambas tradições do pensamento.

Como observou, juntamente com Best, os pensadores modernos contribuem com noções ligadas a direitos universais, macropolítica e luta institucional, enquanto os pós-modernos com noções de pluralidade, micropolítica e identidade, por exemplo. Sendo assim, avaliam que o grande desafio parece ser “construir o que Hegel chamou de ‘unidade diferenciada’, na qual os vários fios do desenvolvimento histórico se reúnem de forma rica e mediada” (BEST; KELLNER, 1997, 281).

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *América*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.
- _____. *O espelho da produção*. Braga: Espaço, 1976. [Obra publicada originalmente em 1973].
- BEST, Steven; KELLNER, Douglas. *Postmodern theory: critical interrogations*. Londres: MacMillan, 1991.
- BEST, Steven; KELLNER, Douglas. *The postmodern turn: critical perspectives*. New York: Guilford Press, 1997.
- CONNOR, Steven. *Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. 5. ed. Edições Loyola: São Paulo, 2004. [Obra publicada originalmente em 1996].
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996. [Obra publicada originalmente em 1991].
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001. [Obra publicada originalmente em 1995].
- KELLNER, Douglas. Fredric Jameson. *UCLA Graduate School of Education & Information Studies*, Los Angeles, 1994.
- _____. *Jean Baudrillard: from Marxism to postmodernism and beyond*. Palo Alto: Stanford University Press, 1989.
- _____. Jean Baudrillard (1929-2007). *UCLA Graduate School of Education & Information Studies*, Los Angeles, 2007.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. [Obra publicada originalmente em 1979].